

VERGONHA GLOBAL

Os escravos do século XXI

Estudo contabiliza 29,8 milhões de pessoas privadas de liberdade e exploradas no mundo

DEBORAH BERLINCK
Correspondente na Europa
deborah.berlinck@oglobo.com.br

-GENEVA- Passados mais de 60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, persiste uma das mais humilhantes formas de violência humana: a escravidão. Pela primeira vez, a Walk Free Foundation, baseada em Londres, criou um Índice de Escravidão Global, classificando 162 países de acordo com a proporção de escravos em relação à população. A fundação estima que 29,8 milhões de pessoas vivam como escravas hoje no mundo. Se a esmagadora maioria está concentrada em dez países, sobretudo da Ásia e da África, o índice surpreende ao revelar que o problema também atinge países tão ricos quanto a Suíça ou Suécia, embora em proporções bem menores. Só no Reino Unido, por exemplo, calcula-se que haja até 4.600 escravos. Os escravos de hoje não estão à venda em praça pública, com o pescoço ou os pés atados por correntes, como em outros tempos. Mas estão presos com outras amarras: são crianças obrigadas a pegar em armas e combater em guerras; adolescentes forçadas a casamentos que, na realidade, escravizam; vítimas de um lucrativo tráfico que sequestra e vende pessoas para trabalho forçado nos seus países ou no exterior. Homens e mulheres também são escravizados por conta de dívidas que nunca conseguirão pagar. Há um ponto forte nas várias formas da escravidão do passado e moderna: exploração econômica. Os escravos modernos estão escondidos em casas, em plantações na Índia, nos prostíbulos da Tailândia ou nas fábricas de carvão do Brasil. E geram US\$ 32 bilhões em lucros para as pessoas que os exploram.

MAURITÂNIA: O QUADRO MAIS PREOCUPANTE
A Organização Internacional do Trabalho (OIT), por exemplo, tem um programa para combater o trabalho forçado no mundo, que, nos cálculos da instituição, afeta 12,3 milhões de pessoas. Mas isso não inclui muitas outras formas modernas de escravidão, explica o sociólogo americano Kevin Bales — autor do estudo da Walk Free Foundation. Bales sabe o que fala. Seu livro “Gente descartável: a nova escravidão na economia mundial” foi publicado em vários países, inclusive no Brasil, e virou referência. Nos anos 1990, em Londres, ele se deparou com um panfleto que falava de novos escravos e disse para si mesmo “Não é possível!”. Começou ali sua investigação acadêmica e, hoje, ele é pesquisador de escravidão contemporânea na Universidade de Hull, no Reino Unido.

— Nós olhamos todos os tipos de escravidão moderna. E esta é a primeira vez que se faz um estudo global em escravidão moderna de forma completamente transparente — diz Bales, cofundador da organização americana Free the Slaves (Liberte os Escravos), que, além de pesquisar, ajuda a libertar e reabilitar escravos.

O estudo, por exemplo, olha para um aspecto da escravidão moderna que, segundo Bales, é frequentemente ignorado por muitos países: os casamentos forçados.

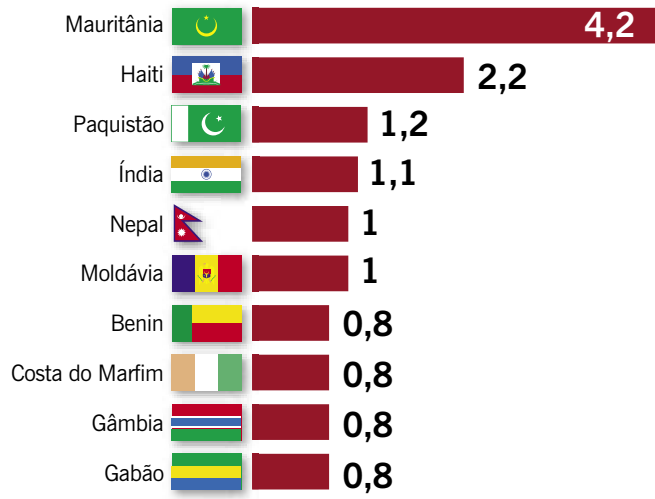
— Muitos países não querem olhar isso porque acham que casamento é esfera privada. Não estamos falando de casamentos arrançados. Estamos falando de algo que envolve o uso de força e escravização. É importante fazer a distinção e queremos chamar a atenção das pessoas para isso — diz o pesquisador.

A Mauritânia, país muçulmano do Norte da África, lidera o Índice de Escravidão Global com um recorde particularmente dramático, segundo o estudo: nesse país de apenas 3,8 milhões de habitantes, mais de 4% da população está escravizada, de acordo com o documentado pela Walk Free Foundation, mas esse número pode ser ainda maior. A escravidão é hereditária. Adultos e crianças são, literalmente, “propriedade” de seus senhores, que têm direito total também sobre os descendentes. Mulheres, na Mauritânia, são consideradas como menores de idade: não há lei que combata a violência contra elas e estupro no casamento não é considerado crime. A escravidão só foi declarada ilegal em 1981, por um decreto que levou anos para ser implementado. Só em 2007 baixou-se uma lei definindo escravidão e abrindo a possibilidade de compensação às vítimas.

ÍNDIA: QUASE METADE DO NÚMERO MUNDIAL
Lei em nenhum país hoje no mundo permite escravidão. Mas em muitos casos isso é letra morta num papel. O Haiti — segundo país no Índice da Escravidão Global — ainda debatia um projeto de lei em junho deste ano para tornar tráfico humano um crime. O maior problema no país caribenho é a escravização de crianças para trabalho, conhecida como *restavek*. É prática cultural crianças pobres do campo serem enviadas para trabalhar para famílias mais ricas nas zonas urbanas. O estudo calcula que entre 300 mil e 500 mil crianças sejam exploradas por esse sistema e afirma que muitas “sofrem a forma mais cruel de negligência — sem comida, água, uma cama para dormir e abuso físico e emocional constante”.

NÚMEROS DO FLAGELO

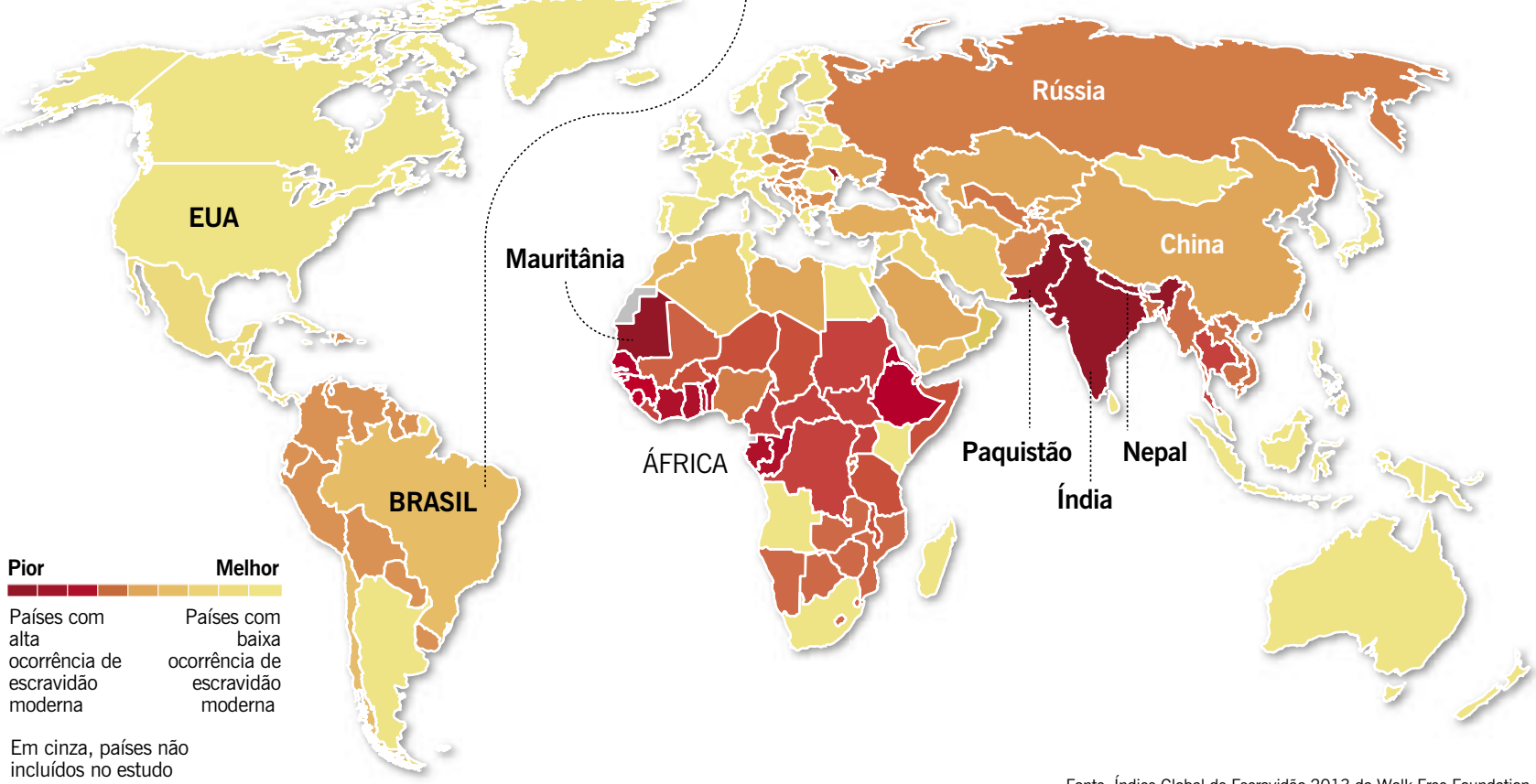
MAIS ESCRAVOS EM % DA POPULAÇÃO



BRASIL

É o **94º** país com maior proporção de escravos modernos, no ranking com 162. Estimativa é que haja entre **200 mil e 220 mil pessoas em condição de escravidão, ou cerca de 0,1% da população**

PREVALÊNCIA DA ESCRAVIDÃO MODERNA NA POPULAÇÃO



Fonte: Índice Global de Escravidão 2013 da Walk Free Foundation



Liberdade. Manifestantes ocupam a entrada da ONU, em Nova York, para protestar contra o tráfico de humanos



EXEMPLO COM RESSALVAS

ELOGIADO, BRASIL AINDA SOFRE COM PROBLEMA

-GENEVA- O autor do Índice Global de Escravidão, Kevin Bales, não poupa elogios ao Brasil. Com estimados 200 mil a 220 mil escravos, a 94ª maior proporção no ranking de 162 nações, o país virou exemplo por ser um dos poucos que têm um plano nacional de erradicação do problema.

— Para mim, o melhor país em termos de reação à escravidão é o Brasil. Não significa que a escravidão não seja um grande problema no Brasil — diz.

Mas o estudo da Walk Free Foundation e seu autor alertam: “Os esforços do governo brasileiro”, no entanto, estão sendo ameaçados pela impunidade de donos de terras,

empresas locais e internacionais e intermediários”. Segundo o relatório, apesar de o Brasil ter um plano nacional de combate à escravidão, “a falta de fundos, bem como um alto nível de intimidação contra ativistas no combate à escravidão, têm prejudicado os esforços significativamente”. Bales explica que o combate em áreas remotas, como a Amazônia, é difícil:

— Também é um problema a corrupção no nível local. O governo federal tem muitas boas leis e meios de aplicação, mas os políticos locais não necessariamente as respeitam — queixa-se ele.

Bales contou que, quando esteve no Pará, agentes do Ibama disseram que a escravidão era o

principal problema no combate à destruição ambiental, já que a mão de obra escrava é usada no desmatamento:

— Como é caso de escravidão, os agentes do Ibama precisam obter permissão especial para agir. E queixam-se de enormes resistências locais.

Segundo Bales, apesar dos problemas, o Brasil é um modelo pelo conjunto dos esforços:tem um cadastro de empresas e pessoas autuadas por exploração de trabalho escravo, um grupo de fiscalização móvel, juízes que viajam com a equipe, bom apoio a ONGs.

— Alguns países europeus estão considerando fazer o mesmo, agora admitindo que precisam de um plano nacional. (*D.B.*)

Em termos absolutos, os países com os maiores números de escravos citados no estudo são Índia (14 milhões), China (2,9 milhões) e Paquistão (2,1 milhões). A Ásia é, disparado, o continente com o maior percentual de escravos: 72,14% dos estimados 29,8 milhões no mundo. Paquistão (terceiro no índice global) figura como o pior caso do continente, em relação ao total da população, seguido da Índia, Nepal, Tailândia, Laos e Camboja. Se na Austrália a legislação e as políticas de combate à escravidão são rigorosas, países como Japão, China e Papua Nova Guiné têm poucas leis de combate ao problema.

A Europa — particularmente o lado ocidental — é o continente menos afetado pelo problema: 1,82% dos escravos estimados no mundo. O pior desempenho é de países do antigo bloco soviético, como Albânia, Montenegro, República Tcheca, Hungria e Bulgária. No índice global, a Islândia tem a melhor classificação, com a menor proporção de escravos, seguida da Irlanda e do Reino Unido. Mas, como sublinhou o estudo, a decepção é que “muitos destes países poderiam, com suficiente vontade pública, se livrar da escravidão”.

— No Reino Unido, o que está faltando é legislação adequada. Há uma nova lei sendo discutida. As anteriores são uma bagunça, uma estranha mistura em que nada estava conectado. O Brasil tem leis muito melhores. Outros países da Europa estão estudando legislação nacional — explica Bales.

ORIENTE MÉDIO E ÁFRICA: MULHERES EXPLORADAS
Já o Oriente Médio e o Norte da África concentram 2,54% do total de escravos no mundo, com Sudão, Líbia, Arábia Saudita e Jordânia liderando como piores casos. O maior problema nessa região é exploração de mulheres: casamentos forçados de crianças, assim como tráfico de mulheres para prostituição ou trabalho doméstico forçado. No antigo mundo soviético, há governos como o do Uzbequistão que, segundo um relatório da organização Human Rights Watch, força um milhão de pessoas a trabalhar nas plantações de algodão durante dois meses do ano. Na região das Américas, o pior caso (segundo lugar no índice global e primeiro no continente) é o Haiti, seguido do Peru, Suriname, Equador, Uruguai e Colômbia.

Para Kevin Bales, uma Justiça que condene e penalize traficantes e outros exploradores de escravos é a chave para combater a escravidão moderna. Mas, outros instrumentos são necessários, como uma maior coordenação no nível dos governos e serviços de apoio às vítimas. ●